

CULTURA LETRADA E SOCIABILIDADE URBANA: GABINETES DE LEITURA NA REGIÃO NORTE DO CEARÁ (1870-1920)

Jorge Luiz Ferreira Lima¹

RESUMO: Este trabalho busca analisar o processo de desenvolvimento de modos de sociabilidade urbana ligadas à cultura letrada na Região Norte do Ceará. Destaca a fundação dos gabinetes de leitura e sua ligação com o esforço de difusão da instrução como forma de afastar a população de práticas desviantes como a vagabundagem, a prostituição e a violência. Procura ainda discutir a inserção dos gabinetes na “rede de comunicação” configurada na região.

Palavras-chave: gabinete de leitura, sociabilidade, cultura.

ABSTRACT: This paper analyzed the process of developing modes of urban sociality linked to literate culture in the Northern Region of Ceará. Highlights of the foundation of reading rooms and its connection with the effort to spread education as a way to remove the population of deviant practices such as vagrancy, prostitution and violence. Search also discuss the integration of offices in the "communication network" set in the region.

Keywords: office of reading, social, culture.

Espaço e tempo

Desde a segunda metade do século XIX, percebemos a consolidação de um espaço no interior do estado do Ceará ao qual se convencionou chamar de “Região Norte”, cuja liderança coube, desde o século XVIII, à cidade de Sobral. No entanto, lançando os olhos sobre o mapa do Ceará, uma pergunta surge de pronto: por que “Região Norte”, se este espaço não envolve localidades como Fortaleza e Aracati, situadas também no norte do estado?

Ora, o critério adotado para a delimitação deste espaço não reivindica qualquer rigor geográfico. Com a construção da Estrada de Ferro de Sobral (1881), os vários pontos de florescimento de vida e cultura urbana se tornaram mais próximos graças à relativa facilidade de transporte trazida pelo trem. É assim que surge o termo “Zona Norte”, frequentemente empregado pelos viajantes que o empregavam para referir-se às cidades e vilas tocadas pelos trilhos da ferrovia sobralense.

No contato com os jornais publicados entre a segunda metade do século XIX e primeira do século XX, percebemos o uso do termo “Zona Norte” para designar a área de influência da Estrada de Ferro de Sobral, tendo como ponto de partida a cidade portuária de Camocim, passando por Sobral, Ipu e Crateús, de onde penetrava o Piauí.

¹ Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestrando em História Social. Bolsista CAPES

Atualmente, a cidade de Sobral ainda se auto-intitula “Princesa do Norte”, ou seja, aquela antiga convenção ainda perdura na fala de autoridades e profissionais de comunicação da região. Assim, optamos neste trabalho por manter a denominação usada na época, trocando apenas o termo “zona” por “região”. Desta forma, este trabalho tem como espaço de investigação a “Região Norte” do Ceará, compreendendo as cidades de Camocim, Granja, Sobral e Ipu, como pontos principais, aliados à cidade de Viçosa e às vilas de Ubajara e São Benedito, estas últimas localidades no alto da Serra da Ibiapaba, porção territorial também incluída na área de influência da Estrada de Ferro de Sobral.

O recorte temporal justifica-se a partir da verificação de uma intensificação da presença de manifestações da cultura letrada na Região Norte do Ceará a partir da segunda metade do século XIX. Os jornais, os grêmios literários e as sociedades dramáticas começaram a surgir na região, sob o impacto do *boom* algodoeiro que, por curto espaço de tempo, atingiu o Ceará, notadamente na década de 1860, graças à eclosão da Guerra Civil Americana (cf. VIANA, 1990: 67-106). O comércio desenvolveu-se mais rapidamente, especialmente em Sobral, onde surgiam as firmas de importação e exportação, cuja atuação concentrava-se na compra da produção local de gêneros primários (algodão, carnaúba, paco-paco, fibras, peles, etc.) e sua exportação e na importação de artigos de consumo estrangeiros. Ao contrário do que muitos acreditam, com a rápida passagem do auge da procura pelo algodão cearense pela indústria têxtil inglesa e francesa, as transações diretas entre firmas cearenses e estrangeiras tornaram-se escassas, conforme constatamos a partir do exame dos livros contábeis de uma das maiores firmas comerciais do período, a *Ignacio Xavier & Cia*, estabelecida na cidade de Granja. A produção local era reunida em armazéns e enviada em pacotes a Fortaleza, Recife e Rio de Janeiro.

A bordo dos navios e dos trens, a imprensa passou a circular com certa desenvoltura facilitando o florescimento da cultura letrada na região e incentivando a desenvolvimento de novas formas de sociabilidade nos pequenos núcleos urbanos da região.

Gabinetes de Leitura

Estas novas sociabilidades demandavam espaços destinados à sua prática. Neste sentido, surgiram os primeiros gabinetes de leitura, seguindo tendência já evidenciada em outras regiões do país, especialmente a partir da fundação do Real Gabinete Português de Leitura em 1837, no Rio de Janeiro (cf. SCHAPOCHNIK, 1994). No entanto, o hábito de formar agremiações literárias já vinha sendo cultivado no Ceará há mais de vinte anos.

Gleudson Cardoso apresenta o ano de 1810 como o ponto de partida deste movimento, se bem que em proporções bastante acanhadas (cf. CARDOSO, 2006).

Mais uma vez, invocamos a imprensa do período para traçarmos o perfil dos gabinetes de leitura instalados na Região Norte. Constituíam estas associações parte de uma estratégia de difusão da cultura letrada em meio a uma população cuja maioria era analfabeta. A atuação dos fundadores dos gabinetes na imprensa denuncia a preocupação com a difusão do letramento entre a população, defendido como meio de superar a ignorância, concretizada no analfabetismo e motivo principal do florescimento de comportamentos considerados marginais. Exemplo claro temos na cidade de Viçosa, cujo gabinete de leitura surgiu a 13 de fevereiro de 1916. Por ocasião do aniversário de dois anos foi publicada edição especial do jornal *Polyanthéa*, onde se lê que a missão do Gabinete consiste em “instruir o espírito humano, arrancando-o das fauces negras e sempre abertas da Ignorancia.” (Cf. FONTELLE, 1918).

Concretamente, a contribuição dos gabinetes de leitura à luta contra o analfabetismo se dava através da organização dos “Cursos Noturnos” organizados, ministrados e mantidos pelos sócios. Tivemos notícia da existência destes cursos em Campo Grande², Ipu, Viçosa e Camocim. Destinavam-se a crianças carentes. Em Viçosa, afirmava-se que as aulas do Curso Noturno dirigiam-se aos filhos dos operários. O jornal *Polyanthéa* traz interessante comentário acerca do curso que ali se estabeleceu:

Como é comovedor o ver-se, no curso noturno, às horas das lições, os bancos cheios de creancinhas pobres atenciosas e ávidas do saber, recurvadas sobre os livros, como que supplicando àquellas letras grandes do ABC que lhes dêem aquillo de que tanto precisam – a instrução! (POLYANTHÉA, 1918)

Interessante perceber já no início do século XX a crença no letramento como meio de melhoramento do ser humano. A crença daqueles homens parecia ser de que o acesso às letras teria como conseqüência o afastamento de espaços e práticas considerados marginais, como o jogo, a vagabundagem e a prostituição. Quando estas avançam, o diagnóstico apresentado pelos homens de letras através da imprensa sempre traz em primeiro lugar a falta de instrução. Portanto, percebemos não ser de hoje a crença na educação como meio de transformação do caráter e do comportamento das pessoas.

Os responsáveis pela fundação dos gabinetes de leitura na Região Norte do Ceará, inseridos no contexto de sua época, também partilhavam desta opinião e por isso procuravam

² Atual cidade de Guaraciaba do Norte.

mostrar empenho na criação dos seus Cursos Noturnos. Difícil era aceitar a dura realidade quando as atividades destes cursos tinham de ser interrompidas, seja por falta de alunos, seja por falta de recursos econômicos. Nestas horas, restava a lamentação através das páginas dos jornais. Colhemos um exemplo na leitura do jornal *Correio do Norte*, publicado na cidade de Ipu³. Ali, a *Sociedade Gabinete Ipuense de Leitura*, fundada em 1886, criara um Curso Noturno, mas a empreitada teve duração efêmera. O jornal afirma que “alguem, perversamente, lembrou-se de introduzir a maldade política nessa útil associação e com isto fel-a extinguir-se.” (CORREIO DO NORTE, 1921).

A introdução da política – partidária, supomos – teria envenenado o Gabinete Ipuense de Leitura e levado à sua derrocada após breve período áureo, quando seu Curso Noturno contou mais de cem alunos matriculados e seus sócios chegaram ao considerável montante de 114. (SOUSA, 1915: 223). Ainda de acordo com o jornal, o Gabinete Ipuense de Leitura, fundado em 1886, conseguiu reunir um acervo de mais de mil volumes, feito notável para o tempo e as dimensões da cidade. Embora Eusébio de Sousa e o jornal *Correio do Norte* concordem em apontar o ano de 1886 como sendo a data de fundação do Gabinete Ipuense de Leitura, percebemos sua existência já dois anos antes, em 1884, quando ali esteve Antonio Bezerra de Menezes em sua célebre viagem pela Região Norte do Ceará⁴. Bezerra visitou o Gabinete Ipuense de Leitura cujo acervo encontrou “enriquecido com mais de trezentos livros” e, a respeito do Curso Noturno, afirma “que se procura divulgar por todos os meios da instrução entre o povo” (BEZERRA, 1965: 220).

Poucos dias antes de chegar a Ipu, Antonio Bezerra esteve na Vila do Campo Grande, sobre a Serra da Ibiapaba, e ali também notou o interesse pela difusão da leitura e da alfabetização, materializado na presença de um gabinete de leitura e seu curso noturno. Diante dos sinais de desenvolvimento da cultura letrada naquele ponto longínquo do interior do Ceará, Bezerra comenta:

... vê-se um pequeno povoado, distante dos pontos adiantados, fundar associações para cultivar a música, para desenvolver as faculdades pela prática das representações dramáticas, para divulgar os conhecimentos úteis por meio da leitura de bons livros de um Gabinete, para derramar a instrução nas classes menos favorecidas com a sustentação de escolas noturnas, não se pode deixar de sentir por êsse lugar uma certa simpatia. (BEZERRA, 1965: 194)

Na citação acima podemos perceber um breve inventário daquilo a que temos nos referido como formas de sociabilidade ligadas à cultura letrada. Associações para cultivo de

³ O *Correio do Norte* circulou entre 1918 e 1924.

⁴ Esta viagem resultou no livro *Notas de Viagem*, cuja primeira edição foi publicada em 1899.

artes como a música e o teatro, gabinetes de leitura, grêmios dançantes, cursos noturnos, imprensa e saraus literários são práticas cuja difusão alcançou as cidades e vilas da Região Norte do Ceará a partir da segunda metade do século XIX. Para a cidade de Sobral, encontramos um fragmento do jornal *O Sobral*, publicado no dia 14 de janeiro de 1866. Daí por diante, aquela cidade conheceu um vasto número de publicações periódicas, a maioria de vida efêmera.

O Gabinete de Leitura de Sobral, fundado em 1877 pelo Dr. José Júlio de Albuquerque Barros – o Barão de Sobral – servia de ponto de reunião dos intelectuais sobralenses naquele último quartel do século XIX. Ali era discutida a literatura francesa representada por Baudelaire, Victor Hugo, Renan, Voltaire, Littré, Emile Zola, Flaubert, etc. Buscando consolidar sua hegemonia econômica, política e cultural sobre a Região Norte, Sobral mostrava-se uma cidade voltada para o desenvolvimento de hábitos sintonizados com o modo de vida burguês cujo modelo importava-se diretamente da França, matriz cultural européia durante o período em questão. Notadamente no que tange ao vestuário, à literatura e aos modos de comportamento em reuniões sociais, a elite sobralense busca imitar o modelo francês. Tivemos notícias de reuniões sociais – *soirées* – onde só era permitido o uso do francês nas conversações (GIRÃO, 2001).

Porém, Sobral não foi a única cidade da região a se colocar em contato e adotar estas novas formas de sociabilidade. Além da cidade de Ipu e da Vila do Campo Grande, outras localidades em processo de urbanização vivenciaram experiências daquilo que poderíamos chamar com reservas de um esforço modernizador. Neste esforço incluem-se os gabinetes de leitura e sua missão de difundir a leitura e a instrução através de seus Cursos Noturnos, como já vimos.

Através do jornal *Correio do Norte*, pudemos saber da existência do Gabinete de Leitura de Camocim, fundado em 1906. Em 1920, o correspondente do *Correio* em Camocim anunciava a transferência da sede do Gabinete para um sobrado situado à Rua da Estação, onde funcionava também a Escola Noturna Barão de Studart e a Associação Commercial (CORREIO DO NORTE, 1920). Ali surgiram vários periódicos, destacando-se a *Folha do Litoral*, a partir da década de vinte do século passado.

O Gabinete Granjense de Leitura foi fundado em 1880. Em 1919 passou a receber subvenção anual de 100\$000 (cem mil réis) graças à intervenção do deputado estadual Luiz Fellipe d’Oliveira, líder político naquela cidade (A ORDEM, 1919 e MOTA, 1994).

Sobre a Serra da Ibiapaba, temos a fundação do Ateneu Literário Farias Brito na Vila de São Benedito no ano de 1906 (cf. MOTA, 1994). A Vila de Ubajara, embora não nos tenha

dados pistas de um gabinete de leitura, teve publicados os jornais *Gazeta da Serra*, *Gazeta do Norte* e *Ubjara*, cujas edições foram identificadas junto à Biblioteca Pública Menezes Pimentel, em Fortaleza.

Uma rede de comunicação

Jornais, gabinetes de leitura, reuniões literárias e dançantes aliam-se às medidas de reorganização do espaço urbano cujo objetivo era dotar as cidades e vilas da região de sinais da chegada do progresso. O trem, por sua vez, funciona como meio de aproximação destes núcleos urbanos. Graças à ferrovia, pequenos povoados como Riachão, Pitombeiras e Angica⁵ puderam manter comunicação mais estreita com Sobral e Camocim, bem como Santa Cruz e Pires Ferreira puderam aproximar-se mais da cidade de Ipu. As localidades da Serra da Ibiapaba buscavam, através das estradas e ladeiras, o contato com as estações ferroviárias, onde iam buscar as encomendas enviadas de outros estados através do trem. Assinantes de jornal em Viçosa recebiam seus exemplares através de estafetas que, conduzindo comboios de jumentos, desciam a serra em busca da estação de Granja, onde recebiam as mercadorias para serem conduzidas aos seus destinatários no alto da serra⁶.

O telégrafo instalado nas estações funcionou como um importante fator de aceleração das comunicações impressas. Os jornais mantinham sua sessão de telegramas onde se publicava o conteúdo das mensagens chegadas da capital do estado e do país, enviadas pelos correspondentes. Exemplo temos no jornal sobralense *A Ordem*, o qual gabava-se de ser o jornal “de maior serviço telegraphico; correspondentes no Rio e na Fortaleza”⁷ (A ORDEM, 1919).

O telégrafo serviu também às firmas comerciais e aos particulares. Ao examinar a documentação da firma *Ignacio Xavier & Cia*, notamos o considerável volume de telegramas registrados nos livros copiadores de telegramas. Maior ainda foi o volume de cartas nos respectivos livros copiadores, denunciando a configuração de uma intrincada rede de comunicação onde a palavra impressa, seja de natureza comercial ou particular, funcionava como canal de informação. Baseados em Robert Darnton, para quem uma rede de comunicação se apresenta “composta por artérias, veias e capilares e que leva em conta todos os estágios do processo de produção e distribuição” (DARNTON, 1998). Darnton referia-se aos livros e ao mercado editorial francês no Antigo Regime, mas percebemos suas conclusões

⁵ Atualmente Uruoca, Senador Sá e Martinópolis.

⁶ Informações obtidas em entrevista com o Sr. Felizardo de Pinho Pessoa, ex-prefeito de Viçosa e ex-presidente do Gabinete Viçosense de Leitura, em 29 de outubro de 2005.

⁷ Órgão do Partido Republicano Conservador em Sobral.

como aplicáveis ao processo de circulação da informação impressa na Região Norte do Ceará durante a virada do século XIX para o XX, uma vez que ali também verificamos a configuração de um emaranhado de trajetos seguidos pela informação impressa materializada em cartas, telegramas, jornais e livros.

O traçado desta rede de comunicação pode ser rastreado de várias maneiras. Para este trabalho, temos utilizado os acervos dos gabinetes de leitura, onde mapeamos os vários indícios deixados nos livros ali encontrados. Carimbos, anotações, dedicatórias e selos de livrarias servem de pista à reconstituição dos caminhos percorridos pelos livros. Os jornais registram o recebimento em suas redações de inúmeros cartões de apresentação e de visita, participações, comunicados, editais, cartas, telegramas, etc. Daí depreende-se que as redações dos jornais constituíam importantes nós desta rede de comunicação configurada na Região Norte do Ceará.

Dentro deste contexto, outro é o papel dos gabinetes de leitura. Em suas estantes e mesas de estudo, os artefatos impressos – livros, jornais, mapas, etc. – permaneciam à espera de leitores, ou seja, encontravam um ponto final de repouso. Se saíam por empréstimo, não deixavam de pertencer ao acervo. Desta forma, os gabinetes de leitura representam importantes locais de reunião e de guarda da informação condensada em artefatos impressos. A entrada de um livro no acervo de um gabinete de leitura representava a conclusão de um longo processo de circulação, cujo ponto de origem estava nas editoras e tipografias européias. A preponderância de livros impressos na Europa deve-se à exacerbada alíquota do imposto cobrado sobre o papel para impressão no Brasil, o que tornava seu preço superior ao do papel impresso, cuja importação representava a alternativa mais barata, o que foi claramente enxergado pelos livreiros da época (Cf. SCHAPOCHNIK, 2005).

Uma última faceta dos gabinetes de leitura diz respeito ao seu uso como espaço destinado a outras formas de sociabilidade que não a leitura. Dentre estas se destacam os bailes dançantes. A proliferação destas festas destinadas à aristocracia local teve como consequência uma chegada mais apressada da decadência a alguns gabinetes, uma vez que os sócios passaram a preferir os bailes às conferências literárias. O Gabinete Ipuense de Leitura representa um caso exemplar. Fundado em 1886, mas com existência anterior a esta data, parece ter tido sua diretoria constituída com o objetivo de dotar a cidade de um espaço institucional voltado para a cultura letrada onde se pudesse realizar a solenidade de instalação da cidade, o que se deu a 1º de julho de 1886, ano de fundação do referido Gabinete. A programação da referida solenidade compunha-se de sessão solene da *Sociedade Gabinete Ipuense de Leitura*, na qual seriam proferidos discursos em homenagem à nova cidade,

haveria a execução do hino oficial composto por Thomaz de Aquino Corrêa, sócio-fundador do Gabinete e, por fim, uma *soirée* dançante (Cf. SOUSA, 1929).

A moda dos bailes aristocráticos, segundo Cardoso (2006: 41), desencadeou o combate aos folguedos populares, como constatamos em jornais jocosos publicados em Ipu, onde se apresenta o “coco”, uma dança popular, como imprópria à juventude aristocrática local.

Considerações finais

Este trabalho não poderia se furtar a uma investigação em torno da memória constituída em torno dos gabinetes de leitura na Região Norte do Ceará. As fontes orais revelaram uma memória muito mais voltada exatamente para este caráter recreativo e lúdico dos gabinetes, com exaltação ao requinte e refinamento dos bailes, enquanto as fontes escritas apontam certo esquecimento dos gabinetes. Quando citados, tem apontados apenas a data de fundação e a diretoria. As palavras e textos dos memorialistas se revelaram bastantes tímidas ao se referir aos gabinetes, o que nos obrigou a enveredar por caminhos mais tortuosos e indiretos, como jornais, livros contábeis, fotografias, acervos, etc.

Referências Bibliográficas:

- AZEVEDO, Sânzio. Grêmios literários do Ceará. In: SOUZA, Simone. (org). *História do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1989, p. 180-191.
- BEZERRA, Antonio. *Notas de viagem*. 3ª. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
- CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. 2ª ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial SP, 2000.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lammourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- _____. *Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GIRÃO, Gloria Giovanna Saboya Mont'Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920)*. 2001. 183f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. 2ª. ed. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1994.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, Stella. *Imagens da cidade*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH/FAPESP, 1994, p. 147-162.
- _____. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2005.
- SOUSA, Eusébio de. Um pouco de história: Chronica do Ipu. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, tomo XXIX, p. 157-243.
- _____. *Revista dos Municípios*. Fortaleza, nº 1, 1929.
- VIANA, C. N. Os fatores determinantes do primeiro surto de investimentos em indústria têxtil no Ceará. In: *Rev. econ. Nord.*, Fortaleza, v. 21, n. 1, pp. 67-106, jan-mar, 1990.